

# AS FACES E FUNÇÕES DA TRADUÇÃO EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Sinara de Oliveira Branco  
Universidade Federal de Campina Grande  
sinarabranco@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de discutir e demonstrar como a tradução pode ser aplicada em sala de aula de línguas estrangeiras (LEs) de forma eficaz, sem interferir negativamente na aquisição da LE e utilizando, em casos específicos, a língua materna (LM) ou a própria LE como recurso tradutório. Para tanto, a Abordagem Funcionalista da Tradução de Nord (1997) será utilizada como base teórica, bem como as categorias de tradução de Jakobson (2000). A partir da discussão da teoria, serão apresentados exercícios de tradução que descrevem o uso e eficácia da tradução no contexto de aprendizagem de LE. Os resultados demonstram que há uma desmistificação quanto ao uso da tradução nesse contexto e que a LM passa a ter sua importância e valor novamente reconhecidos no aprendizado de LE.

**Palavras-chave:** ensino de línguas estrangeiras, categorias de tradução, abordagem funcionalista da tradução, língua materna.

**Abstract:** This article aims to discuss and demonstrate how translation can be applied to foreign languages (FLs) classrooms in an effective way, negatively without interfering with FL acquisition, and using, in specific cases, the mother tongue (MT) or the FL itself as a translation means. For this, Nord's (1997) Functionalist Approach to Translation will be used as theoretical basis, along with Jakobson's (2000) translation categories. Starting from the theoretical discussion, translation activities that describe the use and efficacy of translation in the context of FL learning will be presented. The results show that there is a demystification with regard to using translation in this context and that MT regains its importance and value in FL learning.

**Keywords:** foreign languages teaching, translation categories, functionalist approach of translation, mother tongue.

## Introdução

Partindo da ideia de que os Estudos da Tradução (ET) investigam questões linguísticas e também questões político-econômico-culturais, e que a teoria da tradução está relacionada à prática da tradução, ao ensino da tradução e ao ensino de línguas estrangeiras, ao investigar o ato tradutório, áreas e teorias aparentemente distintas se relacionam, dependendo do foco de investigação. Assim, Linguística, Literatura, Estudos Culturais, Ensino de Línguas Estrangeiras e Cultura estão interligados de forma complexa e, portanto, devem ser levados em consideração ao se investigar a Tradução e suas aplicações em contextos como a sala de aula de línguas estrangeiras (LEs).

Baker (1998, p. 273) conceitua a tradução como sendo a “habilidade de significados específicos serem transferidos de uma língua para outra sem mudanças radicais”. Acredito que a visão da autora esteja relacionada a um contexto linguístico específico, como o da tradução textual, por exemplo, seguindo o propósito de manter a proximidade de ideias e não pensando em estruturas frasais sendo transferidas de uma língua para outra sem as devidas adequações. Compartilhando essa ideia de tradução, acrescento a visão de Klein-Braley e Franklin (1998, p. 56) de que “tradução é a transferência de conteúdo de uma cultura para outra”, ou seja, não é apenas o aspecto linguístico estrutural que vem à tona, mas a relevância do contexto, da cultura, do sujeito para quem se traduz e com que propósito. As duas definições de tradução acima se complementam e são aplicadas ao contexto de sala de aula de LE, pois, a tradução nesse ambiente se faz de forma indireta, i.e., o propósito não é a tradução em si, mas fazer com que o aluno entenda a língua estrangeira estudada e assimile sua estrutura e uso.

Ao traduzir em sala de aula de LE, o professor, que muitas vezes nem percebe que está traduzindo, está transferindo significados de uma língua para outra, pensando na carga cultural e não especificamente em tradução, ou simplesmente em estruturas linguísti-

cas. Partindo dessa contextualização do trabalho com tradução em sala de aula de LE, serão apresentados, a seguir, aspectos teóricos, mitos e ideias a favor e/ou contra o uso da tradução em sala de aula de LE e atividades envolvendo categorias de tradução.

### **1. O propósito da tradução**

A Abordagem Funcionalista da Tradução expressa a importância de se conhecer qual o propósito de uma determinada tradução, partindo do princípio de que o (con)texto original não é a única referência para a tradução. Nord (1997, p. 4) cita Reiss e Vermeer (1984) ao afirmar que “o propósito do texto traduzido deve determinar os métodos e estratégias de tradução, e não a função do texto original.” Nord (1991) também afirma que uma determinada função só pode ser atribuída ao texto traduzido levando-se em consideração o receptor no ato da recepção da tradução. Em outras palavras, é a recepção que completa a situação comunicativa e define a função do texto (oral ou escrito). O texto como ato comunicativo é completado pelo receptor. Neste artigo, ao pensar em tradução em sala de aula de LE, considero que tanto o professor quanto os alunos traduzem aspectos culturais e linguísticos, tanto de sua cultura quanto da cultura estudada, explicando, discutindo, comparando e descrevendo aspectos específicos de acordo com suas necessidades, propósitos e conhecimentos.

Fawcett (1997, p. 112) tem uma visão similar à de Nord ao afirmar que “a função da tradução não tem que ser a mesma do texto original”. Um dos papéis do tradutor é analisar o que se espera do trabalho de tradução e que função o texto traduzido terá no contexto alvo. Analisando os pontos levantados pelos teóricos indicados, acredito que os aspectos principais a serem levados em consideração ao utilizar traduções em contexto de sala de aula de LE são: (1) que categoria de tradução será utilizada e com que propósito em determinado contexto de sala de aula; e (2) que necessidade ou

relevância terá a LM em uma determinada situação, tendo em mente o propósito determinado, o nível linguístico dos alunos – tanto de LE quanto de LM –, e o meio utilizado em aula – TV, áudio, internet, DVD, uma figura, ou um texto escrito, por exemplo.

## **2. Mitos sobre a tradução e ensino de línguas estrangeiras**

Um dos maiores mitos tradutórios, em minha opinião, é o de que qualquer pessoa que seja fluente em um determinado idioma é capaz de traduzir. Esse mito ignora o fato de que além da competência linguística no idioma é necessário que haja, também, a competência tradutória, que envolve o conhecimento profundo sobre questões linguísticas, culturais, gêneros textuais, registro e assim por diante, nas duas línguas, ou seja, na LM e na LE. Tratando-se especificamente do professor de LE, comumente, esse professor nunca pensou em trabalhar com tradução e, como já mencionado, nem imagina que utiliza a tradução como ferramenta em sala de aula. Dessa forma, ingenuamente, o professor de LE nega tal utilização. Outro mito associado ao primeiro mencionado é o de que não é permitido a quem trabalha com o Método Comunicativo traduzir. Na realidade, há grande proximidade entre o Método Comunicativo e a Abordagem Funcionalista de Tradução, pois ambos fazem uso da linguagem de acordo com a situação de fala, ambos têm foco no sujeito (aprendiz de LE ou leitor de texto traduzido) e ambos dão ênfase à semântica das línguas, pois há o propósito de trabalhar as línguas de forma comunicativa. Em outras palavras, no contexto de ensino apresentado por Albir (apud LUCINDO, 1998, p. 42), “tradução é um processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto”, semelhantemente ao processo de ensino de LE. A semelhança de abordagem entre o Método Comunicativo e a Abordagem Funcionalista de Tradução pode ser mais claramente observada na Tabela 1, que apresenta dois métodos anteriores à Abordagem Comunicativa, até fazer a

aproximação entre Abordagem Comunicativa e Abordagem Funcionalista de Tradução:

Tabela 1 - Comparando métodos com a prática da tradução

Gramática e Tradução	Método Direto	Abordagem Comunicativa
Memorização de palavras através da tradução de estruturas.	Com a ênfase na oralidade, a tradução é banida do contexto de ensino de LE.	Ênfase no uso apropriado da linguagem de acordo com a situação de fala (idem à Abordagem Funcionalista da Tradução), visando à comunicação.
Apoio em regras estruturais das línguas.	Ênfase na oralidade.	Aprendizagem centrada no aluno (idem à Abordagem Funcionalista da Tradução – voltada para o objetivo/ leitor) e suas necessidades.
Trabalho com exercícios de tradução e versão.	Integração das 04 habilidades pela primeira vez.	Ênfase na semântica da língua (idem à tradução com propósito comunicativo – Abordagem Funcionalista da Tradução).

Fonte: Adaptada de Lucindo (1998).

A Tabela 1 apresenta uma breve descrição dos primeiros métodos de ensino de LE. O Método Gramática e Tradução não objetivava fazer com que os alunos aprendessem a se comunicar oralmente, mas o objetivo era a leitura. O foco na oralidade só vai surgir com o Método Direto e a tradução nos moldes do Método Gramática e Tradução passa a ser desnecessária ou um empecilho ao desenvolvimento oral, portanto, é banida da sala de aula de LE.

Parece-me que até os dias atuais, ao se falar em tradução em sala de aula de LE, a visão é da utilização do Método Gramática e Tradução que, de fato, não se adequa as necessidades sociais ou aos avanços teórico-metodológicos que a tradução tem ganhado com o passar do tempo. A tradução em sala de aula de LE torna-se um mito, que a representa como desnecessária, como uma interferência negativa ao aprendizado de LE. Entretanto, defendo que esse mito é verdadeiro apenas no caso de outro mito entrar em questão: cursos de leitura em LE trabalham diretamente com tradução, especialmente a tradução literal e descontextualizada. Ou ainda, ao traduzir em sala de aula, o professor ignora o contexto e traduz termos isolados, sem levar em conta a situação e sujeitos envolvidos em uma determinada situação. É importante lembrar que neste artigo e levando em consideração a forma como a tradução é trabalhada na atualidade, o mito sobre leitura para fins específicos e a tradução de termos isolados e descontextualizados é incoerente e equivocado. Com o surgimento do Método Comunicativo, a ênfase na oralidade é mantida e, conseqüentemente, a tradução é mais uma vez ignorada e considerada prejudicial ao aprendizado de LE. Entretanto, como pode ser observado na Tabela 1, há pontos semelhantes entre esse método de ensino e a teoria funcionalista da tradução, que mantém foco na comunicação e no público-alvo, trabalhando as línguas em contextos situacionais e levando em conta os sujeitos envolvidos no ato tradutório e os sujeitos que receberão essa tradução.

Além desses mitos tradutórios, percebo que, ao começar a ter consciência da presença da tradução em sala de aula, o professor cria novos mitos, dessa vez acreditando que professores em sala de aula de LE utilizam estratégias de tradução como ferramenta de ensino de forma consciente. Pensando na sala de aula de LE, Willis (1996, p. IV) afirma que “os professores controlam a forma das respostas dadas pelos alunos oferecendo o modelo da estrutura desejada. O desafio é propor um método que integre atividades que trabalhem a forma e a comunicação”, fazendo com que a ideia de proximidade entre o Método Comunicativo e a Abordagem Funcio-

nalista da Tradução fique mais evidente. Encontrar essa integração parece ser o caminho que comprove a validade de utilização da tradução no contexto de sala de aula de LE, fazendo com que os mitos apresentados acima sejam enfim desconsiderados.

Seguindo essa linha de raciocínio, Malmkjaer (1998) acredita que a tradução continua sendo um componente significativo no ensino de línguas em vários países e, por essa razão, a autora sugere que devemos utilizá-la da melhor maneira possível. Entretanto, ao pensar na prática tradutória e na prática de sala de aula, surge a questão de como, de fato, fazer esse uso de maneira eficaz. É nesse sentido que apresento sugestões de atividades de tradução que possam demonstrar tal utilidade e uso da tradução como ferramenta para o ensino de LE.

Pensando na tradução como ferramenta para o ensino de LE, Malmkjaer (1998) apresenta a relação entre o ensino de LE e a tradução explorada em duas perspectivas: o papel do ensino de línguas nos programas de tradução e o papel da tradução no ensino de línguas. O primeiro caso não será abordado aqui, por fugir do propósito da discussão. A autora reforça que o uso da tradução em cursos de LE não se relaciona ao Método Gramática e Tradução, confirmando a visão aqui apresentada de que a tradução descontextualizada e feita literalmente não é mais suficiente na atualidade.

Malmkjaer (1998) argumenta como a tradução pode ser aplicada na sala de aula de LE, bem como incentiva a incorporação do ensino de línguas em programas de ensino de tradução, promovendo a cooperação entre o professor de línguas e o tradutor. Segundo a autora, os cursos de tradução também deveriam incluir estudos linguísticos e culturais, além de metodologia e questões teóricas. Para evitar uma posição unilateral, Malmkjaer (1998) apresenta ainda críticas de autores, como Newson (1998) e Howatt (1984), contra o uso da tradução no ensino de línguas e também a sugestão do uso da tradução como uma quinta habilidade. Acredito, entretanto, que a tradução não seja uma quinta habilidade, mas uma ferramenta que dá suporte ao trabalho com tradução envolvendo as quatro habilidades. Segundo Malmkjaer (1998), a tradução não está separa-

da das quatro habilidades, mas depende delas. A autora afirma que, ao praticarem atividades de tradução, os alunos acabam praticando as quatro habilidades e isso é comprovado por meio das atividades envolvendo tradução, que serão descritas a seguir.

### **3. Sugestões de atividades envolvendo categorias de tradução**

A tradução envolve: 1) competência linguística tanto na LE quanto na LM durante o processo tradutório; 2) relação dos segmentos linguísticos, sociais e culturais em LE e LM, minimizando a interferência negativa da LM; e 3) seleção da forma mais adequada de tradução, dependendo do público-alvo, propósito, contexto e situação. Para que o uso de tradução seja bem-sucedido em sala de aula, é necessário um intenso trabalho com vocabulário e aplicação de atividades de tradução em contextos variados, utilizando as quatro habilidades (escuta, fala, leitura e escrita).

Se bem elaborada, a atividade envolvendo tradução oferece atenção especial à prática de qualquer uma das quatro habilidades, fazendo com que o aluno perceba que expressões nas duas línguas não correspondem necessariamente uma a outra. Segundo Malmkjaer (1998), é notório o fato de que a tradução pode causar interferência negativa. Entretanto, a prática da tradução em atividades específicas encoraja a percepção e o controle dessa interferência. A seguir, apresento sugestões de atividades que ilustram aplicação satisfatória de tradução no contexto de ensino de LE.

#### **3.1 A tradução como ferramenta intralingual**

Com o propósito de esclarecer o papel das línguas e da tradução no contexto de sala de aula, faço a seguinte diferenciação, de acordo com Malmkjaer (1998). Para o tradutor, a língua é uma ferramenta de trabalho. Espera-se que ele conheça profundamente



aspectos variados da língua de origem e da língua-alvo. Portanto, o tradutor deve saber utilizar essa ferramenta adequadamente, o que implica a concentração no uso da língua no ato de comunicação. Por sua vez, a língua é o objeto de estudo para o aprendiz de LE, que vai se concentrar em aprender a estrutura da língua e seu uso em contextos específicos. Apenas o conhecimento de duas línguas e culturas não forma um tradutor. Dessa forma, a tradução como exercício pedagógico, busca aperfeiçoar a agilidade verbal, expandir o vocabulário em LE, desenvolver o estilo dos alunos, aprimorar a compreensão de como as línguas funcionam, consolidar as estruturas da LE para uso ativo e monitorar e melhorar a compreensão da LE.

Seguindo esse raciocínio, uma atividade que me parece eficaz é a utilização de frases em inglês para serem reescritas sem mudar o significado. Esse tipo de atividade é encontrado em livros didáticos variados e auxilia o aluno a trabalhar a reexpressão e variação de vocabulário e ilustra o uso da tradução intralingual, que, segundo Jakobson (apud VENUTI, 2000, p. 114), é a “interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”. Seguindo essa ideia, mesmo não conhecendo ou não lembrando um determinado vocabulário, o aluno desenvolve a habilidade de explicar o que quer dizer e trabalhar com metalinguagem, ou seja, o aluno vai se expressar e usar ideias da LE utilizando a própria LE. Essa atividade pode ser expandida para outros contextos de sala de aula, por exemplo, quando o aluno quer saber como dizer determinada expressão ou explicar um conceito e a descreve usando a língua estrangeira, ou quando expressa pensamentos e respostas sobre questionamentos feitos em sala de aula. Nessas atividades, podem ser trabalhadas, por exemplo, as habilidades de fala e escrita.

### **3.2 A tradução como ferramenta interlingual**

A interlíngua, neste contexto, é trabalhada como uma das categorias de tradução de Jakobson (apud VENUTI, 2000, p. 114), ou seja, é a “interpretação de signos verbais por meio de outra

língua”, nesse caso, a LM do aluno. Em contexto de LM, ou seja, em sala de aula no Brasil, por exemplo, é impossível exigir que o aluno não utilize sua LM, pois, a vivência do aluno – sua educação inicial, seu conhecimento de mundo, sua cultura, suas crenças etc. – é estabelecida em LM, portanto, pedir que o aluno *pare de pensar* em sua LM significa *apagar* o sujeito em sua essência. É importante lembrar que, na maioria dos casos, o professor também é falante não nativo de LE e brasileiro. O que pode ser sugerido é que esse sujeito passe a analisar de forma contrastiva o novo conhecimento com relação à LE que vai surgindo em sala de aula. Com o passar do tempo, o aluno vai necessitar cada vez menos da LM e a tradução interlingual dará lugar à tradução intralingual. Assim, a interferência que era a princípio considerada negativa ganha um aspecto positivo, por meio do estudo contrastivo. Um exemplo de atividade utilizada que dá espaço ao uso de LM em sala de aula é uma discussão sobre as eleições para Presidente da República em 2010 no Brasil. Perguntei aos alunos de Língua Inglesa IV do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) o que perguntariam a qualquer um dos candidatos, se tivessem a oportunidade de entrevistá-los. Os alunos tiveram tempo para formular uma pergunta e dizer para quem direcionariam tal questionamento. Algumas das perguntas formuladas são apresentadas a seguir, mantendo inadequações linguísticas e a interferência da LM:

- i. What do you want to do to make better the life of the most Brazilian children, IF they don't have good opportunities to study?
- ii. What do you pretend to do to control the desmatamento of the Amazon forrest?
- iii. What suggestions do you have to preserve our forests using educational projects in our schools?
- iv. What are your ideas to solve the problem of the violence in and outside the schools that kill children in their classrooms?
- v. What do you think about the education in Brazil without books, libraries or prepared teachers?

Tendo as questões acima em vista, a interferência da LM é observada no uso inadequado do artigo *the* na primeira, na quarta e na quinta questões, além do uso do verbo *pretend* em vez de *intend*, na segunda questão, e de um termo em português, *desmatamento*, também na segunda questão. Todas essas inadequações foram vistas e corrigidas durante a discussão, muitas vezes partindo dos alunos as sugestões mais apropriadas. Nesse caso, não houve a reprovação do recurso de utilização da LM quando não se conhecia o vocábulo em LE, nem a correção imediata das demais inadequações. Foi dado o tempo necessário para que os alunos refletissem sobre as frases e fossem verificando as formas de expressão em língua inglesa. Nesse caso, também houve uso das habilidades de fala e escrita, além da habilidade auditiva, a partir do momento que foi solicitado que os alunos falassem e ouvissem o que era dito, para verificarem se a ideia soava apropriada em LE.

### 3.3 A tradução como ferramenta intersemiótica

A tradução intersemiótica, segundo Jakobson (apud VENUTI, 2000, p. 114), diz respeito à “tradução ou ‘transmutação’”, ou seja, à “interpretação de signos verbais através de sistemas de signos não verbais”, ou vice-versa. Nesse caso, cito como exemplo a utilização de aspectos literários em sala de aula de LE, que podem funcionar também como auxílio na utilização de tradução nesse contexto. Na turma mencionada anteriormente, Língua Inglesa IV, do Curso de Letras da UFCG, apresentei a proposta de trabalharmos uma obra literária adaptada durante o segundo semestre de 2010. A obra selecionada foi a adaptação de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift. Os alunos gostaram da ideia e discutimos o livro em sala de aula, lembrando que se tratava de aula de língua e não de literatura, portanto, aspectos literários não seriam tratados com profundidade, mas serviram de apoio à discussão de aspectos linguísticos, sociais e culturais. A princípio, contextualizei a obra e falamos um pouco sobre o autor e sobre a Irlanda e sua história. Discutimos as ideias trabalhadas nos capítulos e falamos sobre os

recursos de comunicação que Gulliver utiliza cada vez que embarca em viagens para mundos estranhos. Em seguida, assistimos ao filme *Lucas: Um Intruso no Formigueiro* (*The Ant Bully*) e fizemos comparações entre o filme e o livro. Os alunos apresentaram aspectos sobre como Gulliver e Lucas se assemelham, na tentativa de sobreviver em situações e contextos completamente novos e diferentes, falaram sobre como eles são considerados heróis ou monstros, como aprendem costumes e o modo de vida novos, até se deixarem envolver, passando a compartilhar e respeitar a nova forma de vida em que se encontram. Os alunos também chamaram atenção para o fato de que, ao retornarem ao seu mundo, Gulliver e Lucas necessitam de tempo para se readaptar aos seus antigos costumes, mas não são mais os mesmos. Esse tipo de atividade utilizando tradução intersemiótica mostra o envolvimento dos alunos em um processo que vai além de questões linguísticas, fazendo-os trabalhar conceitos culturais, de aceitação e respeito ao novo, ao diferente, trabalhando, também, formas de comunicação e diferenças culturais que os auxiliam a enxergar o diferente de forma positiva.

#### **4. O contexto brasileiro de aprendizagem de LE**

Klein-Braley e Franklin (1998) apresentam os objetivos do ensino de LE na Alemanha de acordo com os seguintes objetivos: 1) tornar-se professor de línguas; 2) tornar-se tradutor; 3) obter o grau de magistrado; 4) formar professores de línguas e não tradutores; e 5) oferecer aos alunos a oportunidade de se preparar para desempenhar funções/habilidades diferentes dentro da grande área. Os objetivos alemães parecem semelhantes aos apresentados em projetos político-pedagógicos de Cursos de Letras no Brasil. Entretanto, o espaço oferecido para essa prática ainda parece ser limitado e os professores ainda não têm informação suficiente de como fazer uso da tradução de forma eficaz em sala de aula no Brasil.

Pensando nessa dificuldade ainda presente, sigo o conceito de tradução apresentado por Klein-Braley e Franklin (1998), que engloba duas linhas: 1) ênfase na *deslexicalização*; e 2) busca pelo termo mais adequado quando o texto em questão inclui termos técnicos/científicos ou culturais/locais. O que os autores denominam *deslexicalização* é chamado por Lucindo (1998) *derverbalização*, ou seja, o professor conduz o processo interpretativo em três fases: 1) compreensão do que é falado/escrito; 2) desverbalização das palavras para que se processe, em ideias, o que foi escutado/lido; e, finalmente, 3) re-expressão das ideias primeiramente escutadas/lidas e transferidas para o contexto oral ou escrito da língua estudada. Essa proposta é útil e produz resultados positivos, pois o professor utiliza o papel social ao desenvolver esse trabalho em sala de aula, pois há discussão, havendo equilíbrio de poder em sala, fazendo com que o aluno recupere a voz anteriormente silenciada. A tradução nesse contexto pode acontecer de forma interlingual ou intralingual, dependendo da necessidade e nível de conhecimento e fluência no idioma estudado pelos alunos. O mais importante é fazer com que o aluno sinta-se encorajado e autoconfiante para se distanciar do texto (escrito ou falado) original de forma consciente, a fim de assegurar a adequação linguística transferida pelo aluno. Nesse caso, é também importante que haja comunicação intercultural eficiente e essa comunicação deve ser posta em primeiro plano para os alunos pelo professor.

Outro fator importante é a conscientização do aluno de que uma interpretação satisfatória possui três características básicas: adequação linguística, adequação textual e adequação ao usuário, que são aspectos relacionados à Abordagem Funcionalista da Tradução. A adequação linguística tem foco na precisão lexical e sintática, bem como no uso apropriado de registro e convenções linguísticas exigidas pelo (con)texto. A adequação textual reconhece o fato de que determinado gênero textual pode ser diferente, em vários aspectos, de uma língua para outra. A adequação ao usuário, por sua vez, ajusta o texto falado/escrito ao ouvinte/leitor/usuário.

Isso pode incluir omissão de informação dirigida ao leitor do texto original que não seja relevante ao leitor do texto-alvo, ou adição de informação para o leitor do texto traduzido. Dentro desse contexto, é necessário que se leve em consideração o conhecimento da LM do aluno, pois, como dito anteriormente, todo o conhecimento do aluno é desenvolvido, em primeiro lugar, em LM.

Ao chegar à sala de aula para aprender outro idioma, o aluno já tem conhecimento consolidado em LM e isso *não* deve ser ignorado. Assim, surge a necessidade de deixar de lado a ideia de que, ao entrar em *ambiente de língua estrangeira*, o aluno deve *esquecer* sua LM e *não utilizá-la*. A LM está presente em todo contexto existencial do aluno e não pode ser simplesmente *apagada* ou posta de lado. Entretanto, é importante lembrar que, se não for controlado, o uso constante da LM em qualquer contexto pode se transformar em interferência negativa que limita o aprendizado da LE, pois não há equivalência no nível da palavra entre duas línguas. Ao mesmo tempo, não é possível trabalhar uma única língua em contexto de aprendizado de LE, pois a comparação e contraste entre a língua a ser aprendida e outras línguas – inclusive a LM dos alunos – é necessária.

Pensando nessas considerações, o professor precisa pensar em como superar a dificuldade inicial enfrentada por estar na “fronteira de línguas” e desenvolver um plano de obtenção de fluência em LE, desenvolvendo estratégias de competência comunicativa, utilizando a LE de forma contextualizada, mantendo o foco no aluno e monitorando o aprendizado de vocabulário ou de itens estruturais.

## Conclusão

Após os comentários sobre a Abordagem Funcionalista de Nord (1997) e a apresentação das categorias de tradução de Jakobson (2000) exemplificadas por meio de atividades de sala de aula de LE, acredito que é possível constatar a importância e utilidade da

tradução nesse contexto. Assim, apresento algumas considerações de Beaugrande (1997) sobre ensino de LE, relacionando as considerações do autor com a aplicação da tradução em tal contexto. Beaugrande (1997) afirma que há dificuldades no ensino de LE, como, por exemplo: 1) o fato de o aluno não ter a mesma competência/fluência linguística em LE como se espera que tenha na LM; 2) a interferência da fluência e competência da LM, que já vimos poder ser trabalhada e transformada em aspecto positivo; 3) menos motivação, interesse e objetivo por parte do aprendiz vindo de culturas monolíngues, que é o caso de estudantes brasileiros; 4) ansiedade e sentimento de incompetência por parte do aprendiz, por se sentir infantilizado; e 5) possibilidade de cometer *erros*. Essas dificuldades geram muito tempo de dedicação e esforço por parte do aluno, bem como resultados insuficientes e frustração, gerando domínio excessivo do discurso do professor. Entretanto, ao trabalhar atividades que envolvam o uso de categorias de tradução, há a oportunidade de trabalhar em um contexto mais próximo do que o aluno conhecer e evitar o que Beaugrande (1997) chama de *tarefas artificiais*, fazendo com que o aluno adquira mais confiança para interagir no contexto de LE. O que proponho é que os alunos se sintam menos pressionados a não cometer *erros* e passem a participar mais ativamente das atividades em sala de aula.

Busco, portanto, tornar o ambiente de sala de aula confortável o suficiente para que o aluno de LE, especialmente o aluno adulto, sinta confiança e vontade de manter uma participação eficaz e passe a utilizar a LE de forma eficaz, por meio de um uso também eficaz da tradução. As atividades de tradução envolvendo as categorias de tradução de Jakobson (2000) e a Abordagem Funcionalista de Nord (1997) que tenho aplicado em sala de aula têm apresentado resultados satisfatórios nas quatro habilidades trabalhadas, bem como em aspectos que envolvem a autoconfiança do aluno e seu conhecimento prévio.

## Bibliografia

- BAKER, M. *Routledge encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998.
- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. New Jersey: Ablex, 1997.
- FAWCETT, P. *Translation and language: linguistic theories explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.
- HOWATT, A. *A history of English language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000. p. 113-118.
- KLEIN-BRALEY, C.; FRANKLIN, P. The foreigner in the refrigerator. In: MALMKJAER, K. (Ed.). *Translation and language teaching*. Language teaching and translation. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 53-61.
- LUCINDO, E. S. *Tradução e ensino de línguas estrangeiras*. 1998. Disponível em: <[www.scientiaintraduccionis.ufsc.br/ensino.pdf](http://www.scientiaintraduccionis.ufsc.br/ensino.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2009.
- MALMKJAER, K.(Ed.) *Translation and language teaching*. Language teaching and translation. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 1-11.
- NEWSON, D. Translation and foreign language learning. In: MALMKJAER, K. (Ed.). *Translation and language teaching*. Language teaching and translation. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 63-68.
- NORD, C. *Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam: Rodopi, 1991.



\_\_\_\_\_. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.

REISS, K.; VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984 (Linguistische Arbeiten 147).

VENUTI, L. *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000.

WILLIS, J. *A framework for task-based learning*. Harlow: Longman, 1996.

